

A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA E AÇÃO SOCIAL EM RESENHAS LITERÁRIAS DO INSTAGRAM

RHETORIC ORGANIZATION AND SOCIAL ACTION IN INSTAGRAM'S LITERARY REVIEWS

Jhussyenna Reis de OLIVEIRA
(Universidade Federal do Piauí)
jhussyreis@gmail.com

Francisco das Chagas Gonçalves OLIVEIRA
(Universidade Federal do Piauí)
francogoncallves@hotmail.com

Francisco ALVES FILHO
(Universidade Federal do Piauí)
chicofilhoo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a organização retórica de resenhas literárias na rede social *Instagram*. É uma pesquisa descritiva e quanti-qualitativa que analisou 10 perfis que promovem leitura de obras literárias, com postagens regulares chamadas pelos usuários de resenhas. O suporte teórico e metodológico principal fundamenta-se em Swales (1990), Carvalho (2005), Bezerra (2002) e Alves Filho (2018). As resenhas apresentaram 10 subfunções já descritas por Carvalho (2005), 2 descritas em Bezerra (2002) e 1 nova. Foram identificados três propósitos comunicativos: oferecer um parecer para possíveis leituras, criar uma expectativa concreta da leitura e estabelecer um vínculo com o leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Resenhas literárias; Organização retórica; Instagram.

ABSTRACT: *This work aims to analyze the rhetorical organization of literary reviews on the social network Instagram. It is a descriptive and quanti-qualitative research that analyzed 10 profiles that promote reading of literary works with regular posts called by the users of reviews. The main theoretical and methodological support is based on Swales (1990), Carvalho (2005), Bezerra (2002) e Alves Filho (2018). The reviews presented 10 sub-functions already described by Carvalho (2005), 2 described in Bezerra (2002) and 1 new. Three communicative*

purposes were identified: to offer an opinion for possible readings, to create a concrete expectation of the reading and to establish a bond with the reader.

KEYWORDS: *Literary reviews; Rhetorical organization; Instagram.*

0. Introdução

No final do século XX, as novas tecnologias da comunicação passaram a ocupar lugar privilegiado no campo social. O meio digital e seu vasto universo de espaços navegáveis (como sites, blogs, chats, redes sociais, etc.) parecem ocupar um eixo sempre ascendente quanto à apropriação pelos usuários¹.

A Internet, especialmente, foi sendo integrada às práticas sociais cotidianas já existentes, mas também trouxe consigo outras práticas. Esse novo contexto de relações afetou e, permanece afetando, o universo dos gêneros textuais e discursivos. Maingueneau (2015) explica como as noções de discursividade e textualidade são modificadas. Ao mostrar que os planos de enunciação propostos por ele não se aplicam aos gêneros na Web; o autor enfatiza que esses novos gêneros exigem um novo olhar do pesquisador, ou seja, já não podem ser tratados com os mesmos critérios dos chamados gêneros clássicos.

Cabe ressaltar que Bonini (2011), ao discutir a polêmica relação entre gênero/hipergênero e mídia/suporte, concluiu que o suporte deve ser visto como um componente da mídia, passando esta a ser o contexto imediato do gênero e do hipergênero. Esse autor estudou o gênero com base na prática social e para tanto, fez uma conexão entre os conceitos de prática social de Fairclough (2003) e o projeto enunciativo de Bakhtin (1929, 2009); compartilhamos aqui desse entendimento de gênero com foco na ação social, mais especificamente, o conceito de Miller (2008) e Bazerman (2005). Vale ressaltar que Miller (2008) considera os gêneros ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes e que são construídos socialmente. Em Bazerman (2005, p.23) temos que os gêneros são como *frames* para a ação social, eles “moldam os próprios pensamos que formamos e as comunicações através das quais interagimos”.

Santaella (2014:214) argumentou em defesa do hipergênero ao mostrar que nas redes sociais a discursividade deve ser concebida como

¹ Segundo relatório Global Digital Statshot 2019, feito pelas empresas americanas de dados Hootsuite e We Are Social, 3,5 bilhões de pessoas possuem cadastros em alguma rede social. (quase metade da população mundial). A mesma pesquisa mostra que o Instagram chegou aos 849 milhões de pessoas no referido ano.

necessariamente multimidiática. A autora mostra que a hipermídia “é composta por conglomerados de informação multimídia (verbo, som e imagem) de acesso não sequencial, navegáveis através de palavras-chave semialeatórias” e vai delineando ao longo de seu texto como isso corrobora para a forte hibridização dos gêneros nas redes sociais.

Um gênero interessante já estudado por Ramos e Martins (2018) são os chamados *instapoemas*, como são denominados os textos poéticos produzidos e publicados por poetas emergentes do *Instagram*. Na pesquisa, as autoras mostram como a rede social é um espaço que vai além do entretenimento, promovendo uma circulação massiva das produções. Estas, por sua vez, são rapidamente rastreadas pelo público interessado, o qual também assume o papel de crítico dos conteúdos através da interação direta nos comentários. A pesquisa enfatizou a textualidade e mostrou que cada autor publica conteúdos que virtualmente “ficam encapsulados na materialidade textual compartilhada, atualizando-se, no ato da leitura, na interação com seus receptores” (idem, p. 126).

O gênero perfil em rede social foi foco de Leão (2017) o qual observou os propósitos comunicativos mais recorrentes em perfis de usuários em comunidade de relacionamento e reforçou a necessidade de a academia depreender mais esforços na investigação dos gêneros emergentes das redes. A pesquisa mostrou ainda como o diálogo é uma espécie de estratégia para romper a “solidão” do usuário ao ponto de levá-lo a criar uma imagem de si totalmente manipulada para atrair determinado perfil.

É relevante ter em mente que na Web, novo e velho se encontram, se auto modificam e, tudo isso decorre das práticas sociais ali exercidas. Nesse sentido, a observação inicial que levou ao objeto dessa análise veio do surgimento de perfis dedicados à leitura de textos literários na rede social *Instagram*.

Alves Filho e Alves (2015) fizeram um estudo com resenhas linguísticas e literárias, porém ambas no âmbito acadêmico. A pesquisa mostrou que os dois tipos de resenhas podiam seguir caminhos diferentes quanto à abordagem do autor, que foi o aspecto investigado. Ou seja, elas se diferenciam mesmo tendo o aspecto acadêmico em comum, mas permanecem no gênero resenha porque mantêm um conjunto de fatores que vai muito além da estrutura.

Já Ruiz e Faria (2012) utilizaram um *corpus* com 6 resenhas jornalísticas (sobre livros e filmes) e 2 acadêmicas e indicaram que a intertextualidade é uma característica primordial em resenhas de modo geral. Esses trabalhos de certo modo mostram a aproximação viável entre resenhas em geral com as tradicionais resenhas acadêmicas.

Vale lembrar que no *Instagram* o usuário só pode incluir uma postagem textual se o conteúdo acompanhar uma imagem (podendo esta ser estática ou não, única ou múltipla). Desse modo, imagem e texto, imagem e caracteres ou ainda imagem/texto/caracteres são as estruturas mínimas que compõem os enunciados no Instagram. O fato em si, chama atenção, pois já existiam outras redes específicas para leitores, e, ainda assim, formou-se uma espécie de nicho de leitores dentro de uma rede originalmente criada para a postagem exclusiva de fotografias. Tratam-se de pessoas, individualmente ou por meio de grupos, que se posicionam como leitores e amantes da leitura; e que através do perfil na rede passaram a compartilhar suas experiências leitoras, inclusive, por meio das postagens denominadas pelos próprios usuários de resenhas.

Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a organização retórica de resenhas literárias na rede social *Instagram*. A ideia é depreender propósitos comunicativos a partir das subfunções retóricas constatadas. Uma contribuição significativa desta pesquisa é fornecer subsídio para pesquisas posteriores que tenham foco nos gêneros do ambiente virtual, uma vez que as pesquisas prévias mostraram um número pouco expressivo de estudos de gênero em redes sociais; no caso das resenhas do *Instagram*, não foi encontrado nenhum registro até o encerramento desta pesquisa.

1. Gêneros como ação social

Para reconhecer a ação social resultante das construções dos gêneros textuais, Miller (2009) parte dos princípios de recorrência, que se refere às características demarcadoras dos textos; e da ação retórica, a força motivadora que leva à materialização destes. De acordo com a autora, os gêneros espelham a experiência dos seus usuários através de textos criados mediante convenções conhecidas e determinadas socialmente e por características individuais que dizem respeito ao conteúdo:

Com uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural. Para o crítico, os gêneros podem servir tanto como um índice aos padrões culturais quanto como ferramentas para a exploração das realizações de falantes e escritores particulares; para o estudante, gêneros servem de chave para entender como participar das ações de uma comunidade. (MILLER, 2009: 41)

Partindo do reconhecimento dos elementos recorrentes encontrados nos gêneros, é possível identificar as intenções sociais ali situadas. Essa perspectiva social está presente também em Bazerman (2005:31) ao explicar a diferença de analisar o que as pessoas fazem com os textos e como esses textos ajudam as pessoas a fazê-los, ao invés de estudar os textos em si mesmos. "Os textos tipificam muita coisa além da forma

textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Ou seja, o autor mostra que um texto não pode ser definido apenas por sua forma, mas tem uma relação imbricada com a prática social justamente pelo uso que os humanos atribuem à ele. Isso tudo leva a refletir também que estudar os gêneros é estudar um nível significativo do próprio fato social, abrir espaço para conhecê-lo e, caso necessário, repensar certas práticas.

Carvalho (2005) demonstra a relevância de uma análise partindo dos movimentos retóricos que, para serem construídos, necessitam de um desempenho retórico social dos escritores. Esses desempenhos, por sua vez, se repetem formando inter-relações, sendo um possível caminho para a verificação das recorrências na organização retórica dos textos e do propósito comunicativo, o qual diz respeito à ação social realizada pelo gênero.

Araújo (2006: 83) afirma que a categoria propósito comunicativo se mostra como um “critério relativamente seguro para atestar a funcionalidade social de um gênero do discurso”. Conquanto os propósitos colaborem para o entendimento da função social de um gênero, há uma grande complexidade em torno da sua identificação. Esta complexidade foi também mencionada por Alves Filho (2018) ao defender que a tensão em identificar os propósitos comunicativos perpassa por um lado a dependência do reconhecimento dos movimentos retóricos em relação às funções comunicativas globais do gênero e, por outro lado, a inexistência de um consenso entre os próprios especialistas e analistas de gênero sobre a certeza desses propósitos.

O gênero resenha acadêmica é um objeto explorado por diversos teóricos ao longo dos anos e que, ainda assim, não esgotou suas possibilidades. Optou-se por aproveitar os conhecimentos já postulados dentro das pesquisas com resenha acadêmica justamente na busca por um modelo que mais se aproximasse da resenha literária do *Instagram*. Com isso, estamos considerando a hipótese inicial de que as resenhas literárias na rede podem apresentar algum grau de recorrências retóricas semelhantes às resenhas acadêmicas. Essa decisão metodológica teve como motivação o fato dos conteúdos resenhados serem livros e o reconhecimento pelos usuários envolvidos em nomear essas postagens como resenhas:

As resenhas de livros cumprem pelo menos dois papéis: podem ser lidas como conjunto das reações à publicação de um livro em determinada época, servindo como registro importante para vários pesquisadores; podem ser utilizadas como guias de leitura e aquisição de publicações. Configuram-se, em geral, como textos não muito longos, avaliando e descrevendo um livro recentemente publicado ou traduzido; são elaborados por especialistas de certa área de conhecimento e direcionadas a leitores também especialistas (CARVALHO, 2005:137).

É válido ressaltar que são vários os propósitos comunicativos das resenhas acadêmicas, segundo Carvalho (2005) elas são decorrentes das necessidades dos estudantes universitários, pelo pouco tempo disponível para leituras ou pela falta de recursos para adquirir as obras requisitadas, optam pela leitura de resenhas.

Já no cenário virtual, observaram-se diferenças no tocante à elaboração e consumo das resenhas. Os exemplares das resenhas são acessíveis a todos os usuários da rede social, ou seja, há uma diversidade de leitores potenciais, não sendo direcionados a um grupo de especialistas como acontece comumente nas resenhas acadêmicas. Além disso, o autor estabelece diálogo com seu leitor por meio da funcionalidade **comentários**, que a rede disponibiliza. Outro ponto a considerar é a possibilidade dos resenhadores no *Instagram* assumirem ou não o papel de Digital Influencer².

2. O Modelo CARS e sua aplicação para análise de resenhas acadêmicas

Swales começou os seus estudos principalmente por perceber algumas lacunas na utilização dos gêneros textuais no ensino. O seu trabalho é pioneiro com a proposta do modelo de análise de gênero CARS (Create a Research Space), que foi utilizado na descrição retórica de introduções de artigos de pesquisa e tem sido revisado e adaptado por estudiosos para análise de diferentes gêneros. Este modelo foi apresentado pela primeira vez na análise de um *corpus* de 48 introduções de artigos de pesquisa, logo depois, reconfigurado na análise de mais 110 introduções de artigo de diferentes áreas: física, educação e psicologia, revelando quatro movimentos retóricos. Assim, de acordo com Swales (2004), um movimento retórico consiste em “uma unidade discursiva ou retórica que realiza uma função comunicativa coerente em um discurso oral ou escrito”³

No Brasil, o modelo CARS foi reformulado por vários pesquisadores no estudo de diversos gêneros, pioneiramente, por Motta-Roth (1995), Araújo (1996), Bezerra (2002) para o estudo de resenhas acadêmicas, Biasi-Rodrigues (1998) para resumos de dissertação de mestrado e Carvalho (2005) em um estudo intitulado retórica contrastiva, que analisa

2 Pessoa que exerce influência ou liderança através das redes sociais e consegue converter seus influenciados em potenciais clientes ou consumidores de produtor/marcas/conteúdo.

3 A move in genre analysis is a discursal or rhetorical unit that performs a coherent communicative function in a written or spoken discourse (SWALES, 2004, p. 228).

exemplares de um mesmo gênero, construído por escritores de língua maternas diferentes.

Quanto à organização retórica da resenha, Motta-Roth e Hendges (2010), apresentam os seguintes movimentos retóricos realizados pelo resenhador, 1 – apresentar, 2 – descrever, 3 – avaliar, 4 – recomendar (ou não) o livro, aparecendo ou não nesta ordem e variando quanto à extensão. De acordo com as autoras, espera-se que uma resenha, em seu conteúdo, contenha uma apreciação crítica sobre determinada obra, enquanto o resenhador, ao expor sua opinião, compartilhe objetivos que convergem com o dos leitores, visto que estes últimos vão à busca de tal informação.

As pesquisas apresentadas em Carvalho (2005) e em Bezerra (2002), tomadas como parâmetro deste artigo, analisaram, comparativamente, dois *corpus*, um composto por 20 resenhas em inglês e português, publicadas em revistas acadêmicas brasileiras e americanas, e outro, com 60 resenhas, contrastando a escrita de estudantes da área de Teologia, resultando nos modelos apresentados a seguir, onde ambos são adaptações do original modelo CARS de Swales (1990):

Quadro 1 – Padrão retórico das resenhas

| |
|--|
| <p>Movimento retórico 1: apresentação e avaliação inicial do livro</p> <p>Subfunção 1: definindo o assunto ou tema do livro e/ou Subfunção 2: inserindo o livro em uma área de estudo e/ou Subfunção 3: explicitando abordagem utilizada e/ou Subfunção 4: delimitando leitores potenciais da publicação e/ou Subfunção 5: fornecendo informações sobre o autor e/ou Subfunção 6: fornecendo avaliação inicial e/ou</p> <p>Movimento retórico 2: descrição e avaliação das partes do livro</p> <p>Subfunção 7: descrevendo a organização geral do livro e/ou Subfunção 8: especificando o assunto de cada parte e/ou Subfunção 9: avaliando partes específicas do livro e/ou</p> <p>Movimento retórico 3: recomendação final sobre o livro</p> <p>Subfunção 10: recomendando o livro e/ou Subfunção 11: recomendando o livro com restrições e/ou Subfunção 12: desaconselhando o livro e/ou</p> |
|--|

Carvalho (2005:143)

Quadro 2 – Padrão retórico das resenhas

| |
|--|
| <p>Unidade retórica 1: Introduzir a obra Subunidade 1: definindo o tópico geral e/ou Subunidade 2: argumentando sobre a relevância da obra e/ou Subunidade 3: informando sobre o autor e/ou Subunidade 4: fazendo generalizações sobre e/ou Subunidade 5: informando sobre a origem da obra e/ou Subunidade 6: referindo-se a publicações anteriores</p> <p>Unidade retórica 2: sumariar a obra Subunidade 7: descrevendo a organização da obra e/ou Subunidade 8: apresentando /discutindo o conteúdo e/ou Subunidade 9: citando material extratextual</p> <p>Unidade retórica 3: criticar a obra Subunidade 10: avaliando positivo/negativamente e/ou Subunidade 11: apontando questões editoriais</p> <p>Unidade retórica 4: concluir a análise da obra Subunidade 12A: recomendando a obra completamente ou Subunidade 12B: recomendando a obra apesar de indicar limitações e/ou Subunidade 13: indicando leitores em potencial</p> |
|--|

Bezerra (2002: 47).

Os dois quadros reproduzidos são frutos de pesquisas específicas no que tange ao gênero resenha, por isso, são tomados como forte parâmetro nesta análise. A análise retórica encontrada em Carvalho (2005) obteve como resultado semelhanças e diferenças significantes nas construções dos gêneros entre as duas línguas. Em português, o primeiro movimento apresenta mais subfunções que o inglês. Nas duas situações, a apresentação do livro aparece conjunta ao tema, como forma de situar o livro em determinada área de estudo, porém, as consciências retóricas são divergentes na hora de avaliar e recomendar o livro; apenas nas resenhas em inglês são encontradas a subfunção 12 (desaconselhando o livro).

Em Bezerra (2002), o estudo que comparou a escrita de especialistas e estudantes formou dois modelos diferentes, sendo o segundo apenas uma versão mais sintética do primeiro; por conta disso, selecionamos o modelo mais completo, também como parâmetro, com o intuito de suprir limitações, visto que no modelo deste autor, encontramos subfunções que não existem no modelo de Carvalho (2005).

A exemplo dos autores citados acima, neste trabalho, o modelo CARS original de Swales (1990) foi usado de forma também adaptada como alicerce para a análise. É preciso, entretanto, explicitar mais uma escolha metodológica: a descrição das chamadas subfunções. Para isso, utilizamos Alves Filho (2018) que conceitua de forma detalhada a

diferença entre **propósitos, movimentos e passos retóricos**. O autor mostra que são os movimentos e passos (termo equivalente à subunidades e à subfunções) que constituem o que os pesquisadores chamam de **organização retórica**.

Basicamente, trabalhar com movimentos retóricos seria trabalhar com enunciados mais abstratos e na dependência de objetivos retóricos. No caso das resenhas do *Instagram* esses objetivos ainda não foram descritos. Por outro lado, Alves Filho (2018, p. 139) conceitua os passos retóricos como “uma sequência textual particular a qual, para gozar deste status, precisa ser recorrente numa seção típica de um gênero”. Assim, o autor defende que os passos são a categoria com menos nível de abstração em relação às outras duas citadas e, conseqüentemente, menos dependentes de questões relacionadas ao contexto. Também não seguimos a tradição de indicar obrigatoriedade e não obrigatoriedade da subfunção, evidenciada na estrutura do modelo por e/ou, visto que, para este autor, esta rotulação só seria possível através de uma análise com todos os exemplares existentes de um gênero.

A escolha dos modelos se deu baseando-se em uma pesquisa prévia, na qual foi percebida a ausência de pesquisas que envolvem a análise linguística específica em resenhas de livros de literatura em geral, independentemente do suporte que as veiculam, sendo assim, recorreremos aos modelos de análises acima apresentados pelas similaridades observadas.

3. Procedimentos metodológicos e análises

O *corpus* é constituído por 30 postagens reconhecidas pelos usuários como resenhas e publicadas nos anos de 2019 e 2020 em perfis no *Instagram*. Foram selecionados 10 perfis que se enquadram em uma espécie de subcomunidade da rede: trata-se de um grupo que se autoidentifica como leitores e admiradores de literatura. Vale esclarecer que esse enquadramento citado aqui é verificável tanto na descrição desses perfis quanto no conteúdo de suas publicações diárias. Os dez perfis utilizados foram selecionados com base em três critérios: a quantidade mínima de 10 mil seguidores, a presença de postagens que os usuários denominam “resenha” e a citação em sites especializados.

Já as postagens, três de cada perfil, foram coletadas com base nas últimas publicações (ou seja, posts de dezembro de 2019 e janeiro de 2020) em cada *feed* – nome da linha temporal de postagens na rede. Assim, os perfis utilizados na pesquisa são: @book.ster (133 mil seguidores), @livrosefuxicos (102 mil seguidores), @resenhandopormarina (65,4 mil seguidores), @blogliteraturese (52,6 mil seguidores), @maridalchico (11 mil seguidores), @cheirandolivros

(12,6 mil seguidores), @leiturasdanat (21,1 mil seguidores), @psamoleitura (17,8 mil seguidores), @livroscherries (20,8 mil seguidores) e @resenhandodark (10,4 mil).

Vale lembrar que, as postagens no *Instagram* são compostas obrigatoriamente por no mínimo uma imagem, ou seja, a rede não tem espaço para uma postagem exclusivamente textual. Portanto, é preciso considerar que todos os exemplares coletados apresentam como estrutura geral: uma imagem (que em 100% dos casos inclui a capa do livro resenhado), ícones diversos, as Hashtags (que são palavras-chaves do assunto antecedidas pelo símbolo cerquilha) e por fim, o texto verbal. Portanto, considerando o interesse deste estudo, trabalhou-se exclusivamente com o texto verbal.

Para a organização desse *corpus*, cada resenha foi nomeada pela fórmula **[R+nº** (de acordo com a ordem de coleta)] e as subfunções estão sinalizadas pela fórmula: **[sub+1+nº** (número da subfunção, tal qual o modelo de análise em Carvalho (2005))], **[sub+2+nº** (número da subfunção, tal qual o modelo de análise em Bezerra (2002))] ou **[sub+***(significa uma subfunção não constante nos dois modelos)].

Como explicitado na seção anterior, optou-se nesta pesquisa em descrever somente as subfunções. Essa nomenclatura está baseada no estudo de Carvalho (2005), cujo modelo também foi utilizado nesta análise, juntamente ao modelo apresentado em Bezerra (2002), já que foram detectadas subfunções descritas por esses autores. Vale ressaltar que aqui computamos apenas a ocorrência única, ou seja, o primeiro trecho em cada resenha, mas ela pode aparecer em vários trechos dentro do mesmo exemplar. No total foram identificadas 13 subfunções, sendo 12 já descritas e 1 considerada nova, além disso, estas também foram classificadas, tal qual o trabalho de Rio Lima (2019), de baixa ou alta recorrência, sendo de baixa recorrência as que apareceram em menos de 50% do *corpus*, e alta recorrência as que aparecem em mais de 50% .

Apesar de aparecerem em ordens variadas, verificou-se que 93% das resenhas do *Instagram* apresentam pelo menos uma subfunção descrita em Carvalho (2005), em Bezerra (2002) ou em ambas e, que 70% são compostas por mais de 3 subfunções. O percentual foi calculado com base no total de exemplares analisados considerando a primeira ocorrência da subfunção. Esses valores revelam a existência de uma zona de congruência na organização retórica das resenhas na rede *Instagram* com as resenhas acadêmicas. Vale lembrar que o presente trabalho não tem a finalidade de verificar qual modelo é mais recorrente ou fazer qualquer tipo de comparação. A escolha dos dois modelos se deve a possibilidade de fornecer um número maior de subfunções, permitindo uma melhor descrição do gênero analisado. A seguir uma tabela com as subfunções já descritas que foram encontradas no *corpus*:

Tabela 1 – Subfunções descritas em Carvalho (2005) detectadas no *corpus*

| Sigla | Subfunção | Recorrência |
|---------------------|---|-------------|
| Subfunção 1 | Definindo o assunto e o tema do livro | 46,6% |
| Subfunção 3 | Explicitando a abordagem utilizada | 6,6% |
| Subfunção 4 | Delimitando leitores potenciais da publicação | 3,3% |
| Subfunção 5 | Fornecendo informações sobre o autor | 6,6% |
| Subfunção 6 | Fornecendo avaliação inicial | 50% |
| Subfunção 7 | Descrevendo a organização geral do livro | 10% |
| Subfunção 8 | Especificando o assunto de cada parte | 3,3% |
| Subfunção 9 | Avaliando partes específicas do livro | 50% |
| Subfunção 10 | Recomendando o livro | 46,6% |
| Subfunção 11 | Recomendando o livro com restrições | 10% |

Fonte: A pesquisa.

Entre as subfunções listadas, é significativo ressaltar: as subfunções 6 e 9 do modelo de Carvalho (2006) aparecem em 50% dos exemplares analisados, sendo as únicas consideradas de alta recorrência neste trabalho, assim como, a subfunção 1 e 10 que aparecem em 46,6% dos exemplares, porém consideradas de baixa recorrência por não atingirem o valor de 50%. Já quanto ao modelo de Bezerra (2002) tem-se a subfunção 10 de alta recorrência (83%) e a subfunção 9 num percentual de 43,3% e de baixa recorrência. A avaliação da obra está presente em todas as resenhas, porém com um dinamismo expressivo, por exemplo, em algumas resenhas a subfunção 9 de Carvalho (2005) chega a ser detectada em quatro trechos diferentes.

Tabela 1 – Subfunções descritas em Bezerra (2002) detectadas no *corpus*.

| Sigla | Subfunção | Recorrência |
|---------------------|---------------------------------------|-------------|
| Subfunção 9 | Citando material extratextual | 83,3% |
| Subfunção 10 | Avaliando positivamente/negativamente | 43,3% |

Fonte: A pesquisa.

A subfunção 10 “*avaliando positiva/negativamente*” de Bezerra (2002) aparece em 83,3% dos exemplares. Essa subfunção pode ser associada a um dos propósitos comunicativos das resenhas do *Instagram* que é: **oferecer um parecer para possíveis leituras**, pois, de acordo com Bhatia (2009, p. 171) “os gêneros, na maioria das vezes, servem a diversos outros propósitos geralmente complementares”.

Apesar de não ser objeto de nossa análise, observamos que os usuários interagem com essas resenhas de forma contínua expressando-se especificamente sobre as avaliações feitas pelos resenhadores virtuais. Seja para concordar ou confrontar as avaliações, esse *feedback* está expresso nos comentários das postagens. Assim, vale ressaltar aqui

alguns exemplos que caracterizaram a subfunção 10 “*avaliando positiva/negativamente a obra*” de Bezerra (2002):

[R2] (...) Uma das melhores leituras de 2019 (...);

[R3] (...) A obra também é muito bem escrita, com passagens carregadas de humor ácido e inteligente (...);

[R4] (...) Essa história é uma releitura dos mitos do Lovecraft revisitados de um jeito cativante e inteligente;

[R5] (...) pode parecer que um pedaço de madeira e aço, não nos apresentará histórias relevantes o suficiente, mas na verdade, é impossível desgrudar os olhos e as emoções desse livro (...);

[R6] Uma história que preza o silêncio e a observação de maneira simples e emocionante (...).

[R18] (...) não é um livro ruim, mas ele tinha potencial para ser muito melhor.

[R24] O livro definitivamente foi uma montanha russa de sentimentos.

“*citando material extratextual*” subfunção 9 de Bezerra (2002) foi localizada em 43,3% dos exemplares. Chama a atenção por ser um trecho que se distancia da obra em si, variando entre informações de como foi publicada ou acontecimentos sobre a publicação e, até mesmo, a relação pessoal do resenhador com a obra. Veja:

[R3] (...) não conhecia o seu trabalho até o anúncio do prêmio em 2019 – mas, para a nossa sorte, a @todavialivros já estava adiantando esses livros (...);

[R10] (...) hoje eu reli a história do Zé Léo, como muitos já sabem, essa foi a minha primeira leitura da vida, acho que foi a 1 de muita gente aí. (...)

[R11] (...) precisei lidar com comentários preconceituosos sobre os livros que, por muitos anos, chamamos de literatura de mulherzinha;

[R21] (...) já falei tanto nesse livro que nem sei se vocês me aguentam mais, porém serei breve na resenha. (...)

Nesta subfunção, em alguns exemplares essa informação extratextual pode ser apresentada através de um *link* para um novo texto. Essa característica marca, inclusive, um dos pontos mais evidentes dentro dos exemplares: a relação pessoal e subjetiva perante os livros lidos. Fica

claro que os resenhadores aqui não são especialistas em crítica literária como seria na área científica, mas se colocam justamente como leitores comuns e isso aproxima ainda mais os usuários que consomem diariamente esses textos. Assim, essa carga subjetiva e emotiva dessas resenhas revela um forte propósito comunicativo no sentido de **criar um vínculo com o seu público leitor**, faz com que este se identifique e atribua certo respaldo às avaliações postadas pelos perfis.

Por ser um ambiente de interação, muitos são os exemplares que apresentam forte diálogo entre o resenhador e os leitores, seja através de perguntas sobre a obra em questão, ou através da indicação de outras páginas ou leituras, construções linguísticas que carregam marcas típicas do ambiente virtual. As perguntas são estratégias para estimular esse diálogo com leitores. Assim, eles direcionam discussões e também podem conhecer melhor o público que os acompanha. Com esse tipo de interação, o resenhador pode orientar suas postagens no sentido de atender as expectativas dos seus leitores. Veja alguns exemplos:

[R11] (...) E vocês? Já leram essa história? Se não, o que esperam encontrar nela?

[R13] (...) E você, já leu "Ursula"? O que achou da leitura? Me conte aqui nos comentários.

[R14] (...) Quero saber se algum autor também já te emocionou demais com algum livro. Qual auto? Quais livros? Me conta aqui.

O tema da obra é uma informação relevante, mas não é bem explicitada por todos os resenhadores, que em suma, trabalham melhor o resumo do enredo (por isso gerou-se uma subfunção nova). Isso marca uma diferença já esperada, pois as resenhas tratam de obras literárias e não científicas como é o caso das acadêmicas. Observe o dado que demonstra isso:

Tabela 2 – Subfunção nova detectada no *corpus*

| Subfunção | Descrição | Recorrência |
|---------------------------|--|-------------|
| Resumindo o enredo | Sintetiza o enredo dando uma visão geral da sequência de fatos narrados. | 63,3% |

Fonte: a pesquisa.

A subfunção "*resumindo o enredo da obra*" aparece com uma recorrência de 63,3%, portanto, de alta recorrência. Aqui é importante perceber uma característica específica das obras literárias, que é o enredo. A recorrência é bastante considerável uma vez que essas informações são visadas pelo público leitor no sentido de obter mais detalhes sobre a leitura em potencial. Infere-se que essa subfunção é uma estratégia de mostrar ao leitor da resenha informações mais consistentes

para **criar uma expectativa mais concreta da leitura em questão**.
Veja:

[R3] (...)Olga nos coloca para seguir os passos de Dusheiko, uma professora aposentada e astróloga, cujas ideias causam estranhamento nos habitantes de uma fria e remota cidade da Polônia (...);

[R7] (...) Pollyana agora é uma encantadora adolescente e amada por todos. Sua fama de pessoa especial ultrapassa os limites de Beldingsville. Quando recebe um convite para passar uma temporada em Boston, novas experiências vêm enriquecer sua vida. Ela passa a conviver com pessoas interessantes, faz amizades, ensina, aprende e ajuda pessoas necessitadas que vai encontrando em seu caminho (...);

[R9] (...) A universitária DarbyThorne já tinha problemas demais. Sem sinal de celular e com pouca bateria, ela precisava dirigir em meio a uma nevasca para visitar a sua mãe (...)

[R25] (...) Nos últimos dias de maio de 1793, perdia em um bosque com seus três filhos, Michele Flechard vagava sem rumo pela floresta escura. Após muito caminhar, colocou ao seio um bebê (...)

Por fim, segue abaixo um exemplar na íntegra:

[R1] [subA6] Rota 66, de Caco Barcellos – Nota 9/10
[subA5][subB3] Conhecido como um dos principais jornalistas brasileiros, nessa obra, Barcellos se aprofundou no perfil e nas estatísticas das mortes causadas por confrontos com policiais nas décadas de 70 e 80 em São Paulo.[subB10] E quando digo se aprofundou é porque o autor fez uma pesquisa impressionante, que durou vários anos e que encontrou obstáculos na falta de transparência de informações para a população.

[subA1][subB1] A denúncia tem como objetivo demonstrar como as vítimas da ROTA têm um perfil muito semelhante e recorrente na análise dos casos de morte pela polícia: o jovem negro e pobre das periferias de São Paulo, Para o autor, a imagem da polícia como instituição protetora naquela época valia para uma determinada parcela privilegiada da população. Para os demais, o papel de protegido era substituído pelo papel de potencial vítima da respeitada “polícia que mata”.

[subB10] Durante a leitura, fiquei impressionado com a coragem de Barcellos em desafiar e denunciar – sem qualquer restrição – os poderosos que controlavam o sistema policial do Estado de São Paulo. Mais especificamente a atuação da ROTA, conhecida unidade da Polícia Militar na violenta e “eficaz” atuação contra o crime.[subB9] A repercussão da obra na época da sua publicação foi tamanha que o autor precisou sair do país com medo das ameaças que passou a receber.

[subB9]Publicado em 1922, o livro-reportagem venceu o prêmio Jabuti no ano seguinte e, apesar dos quase 30 anos desde o seu lançamento, a realidade exposta por Barcellos ainda continua muito atual. [subB12a]É uma leitura necessária, na medida em que nos apresenta um cenário que normalmente chega de forma distorcida para a população que não mora nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos. Apesar da grande quantidade de dados e casos analisados, Barcellos consegue construir uma narrativa fluida e diversificada, sem deixar o leitor cansado com repetição de uma mesma temática.

No exemplar acima, logo no início, o autor apresenta uma avaliação inicial da obra, subfunção 6 "*fornecendo avaliação inicial*", do modelo de Carvalho (2005). Apesar da subfunção não estar dentro de uma oração ou período composto, as pistas lexicais *Nota-9/10* denotam uma atribuição de nota de 0 a 10 à obra resenhada, evidenciando uma primeira avaliação geral. Dentre os exemplares analisados, é interessante notar que, em 80% do *corpus*, as resenhas são iniciadas por esta subfunção.

Em seguida, o autor apresenta informações sobre o autor em "(...) conhecido como um dos principais jornalistas brasileiros (...) "subfunção 5 "*fornecendo informações sobre o autor*" do modelo de Carvalho (2005), já no modelo de Bezerra (2002) corresponde a subfunção 3 "*informando sobre o autor*", essa subfunção apresenta-se duas vezes, no exemplar acima, alternadamente, porém apenas em 2 exemplares do *corpus* esta subfunção se faz evidente, assim como a subfunção 3 do modelo de Carvalho (2005) "*explicitando abordagem utilizada*" evidenciada pelas escolhas linguísticas "*A denúncia tem como objetivo...*" que explicita a abordagem através de uma denúncia, subfunção também presente apenas em [R1] e [R2].

A subfunção 1 é a mesma nos dois modelos parâmetros, evidenciada na resenha acima pelas pistas lexicais "(...)para o autor(...)", nesse caso, o resenhista explicita o assunto do livro através da visão do autor, é uma das subfunções mais recorrentes do *corpus*, aparecendo em 16 dos 30 exemplares. "Sua função é estabelecer para o leitor o assunto abordado pela nova publicação, ou a abordagem teórica abordada pelo autor para tratar o tema" (BEZERRA, 2002, p.54).

No último parágrafo, fica evidenciado, pelas escolhas lexicais, que a construção do parágrafo tem a finalidade de fazer uma recomendação da obra, "(...) é uma leitura necessária (...)". Toda a confecção do parágrafo gira em torno de justificar o porquê de esta leitura se fazer necessária.

O exemplar acima selecionado foi postado pelo perfil que possui o maior número de seguidores (133 mil) dentre aqueles selecionados nesta pesquisa e cujos textos efetivamente são considerados extensos para uma rede social. O número de seguidores e a interação sustentam

possibilidades interessantes sobre a resenha do *Instagram*: a existência de uma comunidade ativa de novos leitores, o interesse no compartilhamento de informações sobre as leituras e a rede social como fonte de pesquisa para leituras livres, ou seja, não científicas.

Se por um lado as resenhas acadêmicas atendem a um público especializado, tanto na produção quanto no seu consumo, as resenhas do *Instagram* abrem caminho para cativar um potencial leitor que está conectado e que, pode receber através de um simples compartilhamento o *link* de uma dessas postagens. Dito de outro modo, um usuário da rede, ainda que não tenha interesse pelo ato da leitura poderá ter contato com essas resenhas e, por diversos mecanismos, se sentir envolvido o suficiente para ler determinado conteúdo e até adquirir determinada obra. Tudo isso são possibilidades da resenha do *Instagram*, por isso o gênero chamou atenção dos pesquisadores.

Em suma, entendemos aqui que as resenhas literárias do *Instagram* funcionam como um tipo particular de resenha que não pode ser confundida com um simples resumo, uma vez constatadas subfunções expressivas de resenhas acadêmicas, mas também não funcionam do mesmo modo que estas. São resenhas com muitas marcas de subjetividade e personalidade do resenhador, concebidas em um diálogo constante com o seu leitor. Além disso, vale ressaltar a linha tênue entre o prazer da interação social dentro da rede e a prática efetiva do marketing de influência, que também é uma funcionalidade que permeia esse gênero.

4. Considerações finais

O presente artigo não pretende apresentar um parecer definitivo sobre o modo como são escritas e estruturadas as resenhas do *Instagram* através das subfunções localizadas nos textos analisados, também não tem a finalidade de generalizar tais organizações retóricas no gênero selecionado, visto que o número de exemplares é de um quantitativo baixo para tal proposição; no entanto, a análise pretendeu sim contribuir para refletir sobre esse gênero emergente e atual, abrindo caminho para novas pesquisas com gêneros do meio digital, visto que ainda são poucas as que envolvem esse escopo.

A análise em resenhas da rede social *Instagram* deste artigo teve como pressupostos teóricos os postulados de Swales (1990) com o seu pioneiro modelo CARS e o conceito de propósito comunicativo, além dos estudos de Alves Filho (2018), que explicou a preferência pela análise dos passos retóricos ou subfunções em detrimento aos movimentos retóricos no tratamento dos dados. Por fim, o trabalho de Carvalho (2005) e Bezerra (2002), importantes parâmetros para essa investigação.

Assim como as resenhas acadêmicas, as resenhas do *Instagram*, além de terem o mesmo nome, o gênero digital tece comentários e faz resumos sobre o texto anterior, tal qual a resenha crítica da academia. Detectou-se nesse sentindo, um ponto divergente: as resenhas da rede social têm um caráter muito mais de persuasão, que convidam o leitor da resenha para a leitura da obra original e de resumo de enredo, do que uma análise aprofundada e de fato crítica da obra em questão.

Verificou-se, também, que é recorrente a presença de construções típicas das redes sociais, como verbos em primeira pessoa, interação com o leitor, proposição de conexão com outras mídias através dos *links*, além de construções com apenas uma subfunção: as que tão somente esquematizam um resumo do enredo da obra, mas que ainda assim são reconhecidas como “resenhas” pelos usuários.

A respeito dos propósitos comunicativos das resenhas do *Instagram* levantaram-se aqui três possibilidades depreendidas das próprias subfunções: oferecer um parecer para possíveis leituras, criar uma expectativa concreta da leitura e estabelecer um vínculo com o leitor. São propósitos que devem ser ainda testados em sua complexidade, uma vez já citadas aqui as dificuldades em caracterizar os propósitos de qualquer gênero.

De modo geral cabe ressaltar ainda que essas produções dedicadas à leitura surpreendem pela quantidade de usuários envolvidos e, que efetivamente, interagem com esses textos. É, por fim, imprescindível perceber o papel social desse gênero no tocante à divulgação, incentivo e compartilhamento literário, especialmente, na realidade brasileira, cuja cultura leitora não é considerada uma das mais exemplares.

Referências bibliográficas

ALVES FILHO, F. Como mestrandos agem retoricamente quando precisam justificar suas pesquisas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, n. 1, p. 131-158, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201812071>

_____; ALVES, L. dos S. Gênero resenha: a construção da figura do autor em textos linguísticos e literários. In *Entremeios: revista de estudos do discurso*. V 10, jan.- jun. 2015. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/228.pdf>

ARAÚJO, A.D. *Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1996.

OLIVEIRA, Jhussyenna Reis de; OLIVEIRA, Francisco das Chagas Gonçalves; ALVES FILHO, Francisco. A organização retórica e ação social em resenhas literárias do Instagram. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 137-155, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, B.G. A organização retórica das resenhas acadêmicas. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 37-68, jul./dez. 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Professor%20Artur%20Furt/Downloads/240.pdf>

BHATIA. V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASIRODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. p. 159-195; Recife: EDUPE, 2009.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégia de condução de informações em resumos de dissertações*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

_____; ARAÚJO, J. C.; SOUZA, C. S. T. (Orgs). *Gêneros Textuais e Comunidades Discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009;

BONINI, A. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. vol.11, n.3, 2011, pp.679-704. ISSN 1984-6398. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000300005>

CARVALHO, G. de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Ed.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. p. 130-149. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge:2003.

LEÃO, W.C. de A. Gênero Digital e seus propósitos comunicativos: uma análise em perfis pessoais de sites de relacionamento. In: *Revista Texto*

OLIVEIRA, Jhussyenna Reis de; OLIVEIRA, Francisco das Chagas Gonçalves; ALVES FILHO, Francisco. A organização retórica e ação social em resenhas literárias do Instagram. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 137-155, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

livre: linguagem e tecnologia. V. 10, n. 1, p. 83-99, jan.-jun. Belo Horizonte: 2017.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. 1ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MILLER, C. R. *Gênero Textual, Agência e Tecnologia*. Universidade Federal de Pernambuco. Parábola Editora. Recife, 2008.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAMOS, P.É.G.T.; MARTINS, A. de O. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. In *Texto Digital: revista de literatura, linguística, educação e artes*. V 14, N 2, p. 117-133, Florianópolis: 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117>

RUIZ, E.M.S.D.; FARIA, M. B. A intertextualidade no gênero resenha. In. *Linguagem em (Dis)curso* v. 12, n 1, p. 99-128. Tubarão, SC: 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/862/790

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. In *Revista Bakhtiniana*, p. 206-216, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a13v9n2.pdf>

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and researching settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Research Genres: Explorations and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.